

**LAS MUJERES ESPAÑOLAS, PORTUGUESAS Y AMERICANAS: IMAGINÁRIO
POLÍTICO E GÊNERO NAS
LITOGRAFIAS COSTUMBRISTAS ESPANHOLAS DO SÉCULO XIX¹**

Edméia Ribeiro – HIS-UEL/PPG UNESP-Assis.

A Europa viveu no século XVIII, um revolucionário movimento cultural, filosófico e estético chamado Iluminismo. Este movimento permitiu uma evolução singular da cultura européia, inaugurando novas formas de representação na política, nas artes e em quase todos os aspectos. Essa renovação da liberdade e progresso como o desenvolvimento técnico e científico - fruto de uma nova concepção epistemológica - aliada a uma nova dinâmica e formas do uso da razão, levou paulatinamente a uma transformação do imaginário e das práticas políticas como o Absolutismo Iluminado, Reformismo e também a uma nova ordem de bem-estar público mas, primordialmente, tocou no gosto e na sensibilidade do homem daquele momento.²

Na Espanha, esses novos valores da contemporaneidade estão expressos não só nas imagens artísticas mas, também, na mais ousada reforma vivida por esta nação, aquela feita pela dinastia bourboniana. O testemunho da sua evolução no campo da política é a Reforma Bourbônica, que configurou-se numa mistura de elementos da Monarquia Absolutista e do Iluminismo, conjugando a tradição com a modernidade, que criou um modelo próprio de moderno, numa tentativa de tornar novo e dinamizar a economia espanhola e racionalizar a exploração colonial.

Dessa forma, a memória do século XVIII está marcada pela potencialidade humana, como uma época de inquietações e transformações políticas, sociais, estéticas e culturais. A partir desse momento, a imagem do homem ilustrado, instruído, senhor de seus pensamentos e ações, começou a mudar o conceito de mundo transformando as mentalidades no que tange ao conhecimento de homem e sua relação com o mundo. O próximo século viveu os múltiplos reflexos dessa revolução.

No que tange ao século XIX, esse desenvolvimento deu-se de uma forma conturbada na Espanha. Os espanhóis perceberam-se envolvidos em uma curiosa mistura de conflitos políticos, criatividade e busca de sua própria identidade, em meio ao processo de maturação de um modelo peculiar de Estado Nacional. Neste período, as idéias de liberdade e igualdade - emanadas da França revolucionária - encontraram eco

em um novo homem espanhol, preocupado em manifestar sua individualidade de maneira plena.

E é esse século, mais particularmente a década de 70, que nos interessa aqui. Esse homem já transformado pelo "bom uso da razão", é fruto dessa "luz emanada" do período anterior. Com a dimensão pública da razão - liberdade para expressão e difusão de seu pensamento - o homem deixou de ser guiado por outros que pensavam por ele e o conduzia. Tudo isso implicou em desejo de mudanças e, conseqüentemente, em crise de identidade e interrogações em relação àquele mundo já existente, nas fórmulas e formas já conhecidas. Ensimesmar-se e questionar a ordem vigente só foi possível depois dessa revolução humana que o Iluminismo, como uma proposta estética e teoria filosófica, permitiu.

A Espanha oitocentista foi representativa deste movimento no que tange ao desejo de superação de tudo que era velho e opressivo. Entrou o século buscando um sentido para a nação, através do questionamento do modelo e práticas políticas. A operação salvamento feita pela dinastia dos Bourbons no século anterior, primou por uma atitude absolutista, de centralização do poder o que deu ao homem do século XIX - já transformado - motivos para contestação.³

Até 1833, com Fernando VII, a Espanha ainda tinha um representante legítimo da tradição dinástica reformista. Após a sua morte, com as regências e reinados legítimos, o Estado espanhol esteve envolvido em uma gama de lutas políticas e guerras civis engendradas por moderados, liberais, progressistas, pela União Liberal, pelos carlistas⁴ e, mais para o final do século - última década - aparecem novas forças ancoradas na preocupação social (socialismo, internacionalismo, anarquismo). A partir da década de 30, a nação ficou marcada pela presença de expoentes dos diversos partidos políticos nos ministérios.

D. Maria Cristina, a esposa de D. Fernando, após a morte do marido assumiu o poder como regente - esperando a maioria de Isabel, futura rainha - e ficou governando por 7 anos. Seu governo transcorreu marcado pelo conflito entre carlistas (absolutistas), liberais progressistas e moderados. Em 1837, uma Constituição mais conciliadora não impediu os conflitos citados acima. Em 1841, iniciou-se a regência de um progressista, o soldado Espartero. Somente em 1843 é que Isabel assumiu o trono, tendo conseguido sua maioria aos 13 anos graças à grande participação dos moderados na corte. A promulgação da Constituição de 1845, extremamente reacionária, negou o princípio de soberania nacional à população. Esta constituição moderada é que deu

caráter a vida política espanhola até a Revolução de 1868. A partir de 1854, iniciou-se um biênio progressista (com Espartero no ministério). Uma gestão vacilante e desacertada levou em 1857, por apenas um ano, os moderados ao poder novamente. Em 1858, uma nova organização política denominada União Liberal⁵, tendo a frente o general O'Donnell, deu o tom à política.⁶ O seu ministério foi marcado, a princípio, pelo crescimento econômico, investimentos estrangeiros, continuação das desamortizações dos bens eclesiásticos, construção de ferrovias, ou seja, pelo progresso. Caiu em 1863, com a prosperidade decaindo e em meio a revoltas sociais. A partir de então, a Rainha Isabel não conseguiu mais o domínio nacional, sob constante ameaça do perigo social, até ser destronada em 1868.⁷

Esse ano, importante para entendermos a história da Espanha, condensou todas as insatisfações dos homens daquele momento, burguesia, proletariado e camponeses. De acordo com Miguel Artola, as causas da Revolução de 68 são de natureza social e política, muito mais do que econômicas, como alguns autores entendem. Era a soberania nacional que se buscava, um governo que representasse todas as forças vivas do país, o estabelecimento de uma ordem e da regeneração social e política. Mas essa agitação revolucionária, como salienta o autor, constituiu-se em um movimento burguês que não buscou uma ruptura total, mas a substituição de um regime moderado por um democrático/liberal. O governo provisório, a partir de 1869, constituiu um novo sistema político que se baseou no reconhecimento dos direitos de todos os cidadãos à participação política e verificou-se a diminuição do poder real. Esta fórmula *demoliberal* vigorou até 1873, enquanto Amadeo de Saboya esteve no poder. Encontrou oposição da Igreja, dos republicanos, e de parcela da população através do desenvolvimento de movimentos de trabalhadores e greves. A revolução estabeleceu um regime sob bases novas, mas as reformas sociais tiveram um alcance muito limitado.⁸

Entre 1873 e 74, a Espanha viveu um efêmero período republicano - tentativa frustrada - de acordo com a historiografia espanhola. Em dezembro, figuras políticas liberal-conservadoras tomaram o poder e deslocaram militares para ministérios importantes. Posteriormente, proclamaram Alfonso XII (filho da Rainha Isabel) como rei da Espanha. Inaugurou-se uma etapa de generais no poder (os caudilhos militares como denomina Miguel Cuadrado), sempre presentes em período de crise e "caos" político. O Estado liberal foi reestruturado, assim como a sociedade civil também. A Constituição de 1869, emanada do sufrágio popular, sofreu uma revisão, para dar lugar a outra com

características mais conservadoras. A esquerda liberal não pôde participar da feitura desta última.⁹

A história política da Espanha se apresenta como uma trama de intrigas e desajustes, a princípio, mas tudo, neste momento, apareceu com grande caráter social. O dezenove não significou uma época estéril, pelo contrário, mostrou um contínuo enriquecimento material, progresso e principalmente, uma transformação fundamental na mentalidade popular e, em relação aos costumes, a instauração de novas formas de vida coletiva. Para a Europa, a Espanha parecia um espaço atrasado, mas por outro ângulo, é possível verificar um momento de extrema vitalidade, mesmo com a perda de impérios, guerras civis e desacertos políticos.¹⁰

A marca da política no transcorrer desse século XIX são os conflitos, e esses, a representação de homens angustiados com o modelo vigente. A Revolução de 1868, também sinal das diferenças políticas, do desassossego desse homem, configurou-se num apelo à soberania nacional, a um governo que representasse as forças vivas do país, a regeneração social e política.¹¹ É neste contexto que podemos pensar o homem espanhol do final do oitocentos, carente de nacionalidade, de identidade, à procura de algo que promovesse sua inclusão na sociedade como um cidadão, como dignatário de uma nação.

Para Juan Petit, o período que se inicia em 1808 (tomada da Espanha por Napoleão Bonaparte) assim como a descolonização da América, deu início a um movimento interno de aquisição de consciência nacional, levando a Espanha à maturidade e à era moderna.¹² Miguel Martínez Cuadrado, partindo também desse pressuposto, entende que o problema histórico da Espanha remonta a um período de 90 anos, ou seja, até 1898, iniciado após as libertações das colônias americanas. Argumenta que a longa dominação colonial, causou erosão na estrutura espanhola no que diz respeito ao seu devir nacional, ao seu encontro com a nação e impediu a organização de um modelo político mais eficaz, além do desequilíbrio regional interno.¹³

Enquanto que, no decorrer da década de 1870, grande parte dos estados europeus com constituições e votos restritos, a predominância da burguesia liberal caiu por terra,¹⁴ os anos que seguiram 1875 e a década de 80 foi de equilíbrio, com a contribuição de liberais e conservadores. Esse período, que chegou até 1890, ficou conhecido como Restauração pelo seu conteúdo e configuração.¹⁵

Como já foi dito anteriormente, é na década de 1870 que aqui centramos nosso foco de análise. Neste momento, que se iniciou com a Revolução de 1868,

surgiram vários decretos e ordens para acabar com todo tipo de censura. Eclodiu um período de liberdade de expressão e imprensa livre, da literatura e dos meios de criação de opinião e educação, como expressão da presença ativa dos burgueses na sociedade. A primeira fase da Restauração impôs uma reação contrareformista, que só viria abertura para as liberdades de todos os setores e classes sociais novamente em 1883.¹⁶ Mas o que podemos destacar desse momento, entre liberdades e reação, foi o começo da manifestação social do homem espanhol, por exemplo, através da imprensa, um veículo com poder de educar e fazer propaganda de um modo e estilo de vida.

Foi principalmente durante a década de 1870 - época em que florescia em sua plenitude o romantismo espanhol - que veio à luz uma coleção de pinturas e textos de pintores e autores denominados *costumbristas*.¹⁷ Tratamos aqui especificamente da obra *Las mujeres españolas, portuguesas y americanas*, que é uma coleção *costumbrista* composta por 4 volumes, sendo um livro ilustrado com litografias coloridas de mulheres, feitas por artistas espanhóis e portugueses e os três outros, compostos por artigos de literatos também espanhóis, portugueses além de americanos. Foi produzida da década de 1870, mais precisamente nos anos de 1872, 1873 e 1876. Cada litografia representa uma figura feminina de algumas províncias ou estados e, para cada imagem, existe um texto analisando essas mulheres e situando-as nos respectivos espaços.

Esta coleção retratou mulheres de várias condições sociais, nas mais diversas atitudes cotidianas. O símbolo feminino, destacado nessa obra, aparece como elemento de composição do imaginário político espanhol, no final do século XIX, assim como as especificidade que constituem a própria visualidade do homem espanhol deste momento.

Essas imagens do final do oitocentos na Espanha, configuram-se também em veículo de comunicação. A linguagem dos símbolos imbrica-se com a existência de um sentido, porque exprime sonhos, esperanças e representações. A linguagem simbólica fala de um homem num tempo e num espaço. Essa perspectiva direciona o nosso olhar para essas litografias¹⁸ e permite-nos refletir sobre o sentido que ela produz naquele sociedade, como ela representa os desejos e expectativas dos homens daquele momento e como as imagens e as palavras atingem o imaginário social.

A coleção *Las mujeres españolas, portuguesas y americanas* posiciona-se, na sociedade daquele momento, entre a sensibilidade artística e o pragmatismo. Sua complexidade está no fato de permitir que os expectadores, além de observar o belo, se vejam ali, ao mesmo tempo que é uma expressão individual e reflexo da conjuntura

histórica. A atribuição de sentido à essa obra, só pode ser feita à partir de seu próprio contexto, porque reflete habilidade, desfrute, liberdade, modernidade, identidade, transformação, conhecimento, compreensão, desejos e expectativas.

Sobre gênero e o imaginário político espanhol no século XIX...

Refletir sobre as representações femininas no processo de formação do Estado Nacional espanhol, apresenta-se enquanto uma forma singular de imergir no imaginário político de um país, que desempenhou um papel muito importante para a formação do ocidente moderno. Afinal, é vasta a literatura que se desenvolveu na constatação e análise dessa importância, seja no processo de colonização da América, seja na sua própria participação direta na definição dos rumos políticos da Europa a partir do século XV.

Neste sentido, José Murilo de Carvalho, em **A formação das Almas**, explica a utilização da imagem feminina para a criação de um imaginário político, tematiza a batalha pelo imaginário republicano no Brasil e mostra que, entre os símbolos utilizados para dar sentido àquela nova ideologia política, estava a mulher associada ao surgimento de um novo imaginário sobre a nação.¹⁹ Enquanto a Monarquia era representada pela figura do rei, masculina, a simbologia feminina marcou o imaginário republicano. Essa associação teve início na França, a primeira a se apropriar de uma imagem idealizada da mulher para representar a República. Fazia referência à sua veia maternal, sua função protetora, sinônimo de segurança e solidez. A arte, de uma forma geral, na Europa²⁰, foi responsável por tocar o imaginário coletivo, na tentativa de produzir um sentido à essa mudança de modelo político.

Entre os artistas positivistas, a utilização da figura feminina ia além, pois baseava-se em um sistema de interpretação de mundo. A República era apenas parte dela. Para eles, a mulher, em seu papel sacrossanto, era representada como um símbolo ideal da humanidade por ser altruísta.²¹

Para Maria Lígia Prado, a aceitação de mulheres nas lutas pelas emancipações da América Hispânica, também está fundamentada no reconhecimento da mulher como representação da família e, conseqüentemente, da nação. Se na prática, as lutas tiravam-na do espaço do lar, por outro, colocava-a num cenário social como fundadoras, mães da Pátria.²² Então, mesmo sendo um espaço masculino, mesmo sendo a guerra algo que remetia às capacidades do homem, era um espaço que possibilitava a inserção feminina por aquilo que as mulheres representavam, que era amor, fidelidade,

paixão, caridade, desprendimento material, altruísmo, tudo isso considerado fermento para o surgimento e crescimento de uma nação.

Segundo Stuart Hall, a nação não é apenas uma entidade política, ela tem que produzir sentido.²³ Para que isso seja possível e para que as pessoas sintam-se pertencendo à esse espaço, são utilizadas várias estratégias representacionais. Os discursos que dão forma à uma narrativa sobre a nação, podem constituir-se em história, literatura, música, elementos da cultura popular, imagens, entre outros. As identidades nacionais podem ser transformadas, reelaboradas à partir de representações, de acordo com a necessidade de cada sociedade. No entanto, lembra-nos o autor que a cultura nacional é um atributo da modernidade, que criou padrões para unificar e homogeneizar. Configura-se numa forma de influenciar e organizar as concepções e ações dos sujeitos pertencentes a um mesmo espaço, que na modernidade, denominou-se Estado-Nação.²⁴

A utilização da simbologia feminina constituiu-se numa forma de reelaborar a identidade nacional. A Espanha ainda configurava-se, politicamente, numa Monarquia. Nessa mesma década, uma efêmera República ali se instalou e aguçou o desejo de muitos, evidenciando as expectativas de uma parcela da sociedade. A agitação, os rumores, tentativas e sonhos em relação àquela nação eram significativas.

Portanto a opção temática da coleção *Las mujeres españolas, portuguesas y americanas* pelo feminino é bastante significativa. A figura da mulher como referencial simbólico está ligada à exclusão social (se considerarmos que, pelo discurso liberal/burguês ela pertence ao espaço privado), mas também ao criacionismo. Ela gera, cuida, protege e é responsável pelo crescimento porque é maternal.

Dessa forma, a figura feminina serviu para tentar dar sentido àquele espaço simbolizando o futuro e a transformação social. As litografias e os textos escritos que compõem a obra estão imbuídos do ideal romântico, representados através de uma estética popular, o *costumbrismo*, evidenciando o belo, o bom, com tons de esperança e mudança. Essa coleção toca o imaginário coletivo e desperta para o desejo de construção de uma nova sociedade, de uma nova ordem política, ou seja, direciona-nos para o despertar de um novo ideal nacional.

¹ Este texto foi organizado em forma de ensaio por tratar-se de uma pesquisa de doutoramento ainda em seu início. Colocamos aqui algumas questões que nortearão o trabalho e que, por enquanto, configuram-se em hipóteses para reflexão nesta fase da análise.

² Museu Nacional de Belas Artes. **Séc. XVIII Espanha o sonho da razão**. RJ: Instituto Arte Viva, 4 julho a 25 de agosto de 2002. (exposição)

³ Em função da debilidade militar, econômica e da fragilidade política, o Estado espanhol colocou em prática - com os Bourbons no poder a partir do início do século XVIII, - um projeto de salvamento da estrutura do estado e econômico, adotando a tradição e a atitude do absolutismo mercantilista francês. A Reforma Bourbonnica mesclou elementos do Iluminismo e do antigo regime, através de uma versão seletiva do primeiro. A reforma consistiu em medidas internas no campo e no comércio, através de uma nova formulação do pacto nacional a partir de estímulos para a produção, continuidade da centralização do poder, maior independência da monarquia em relação à Igreja e fortalecimento dos laços coloniais como a América. No entanto, as reformas se mostraram insuficientes e tardias. Houve resistência da alta e baixa nobreza, do clero e campesinato espanhol, além da elite *criolla* americana. KAPLAN, Marcos. **Formação do Estado Nacional na América Latina**. Tradução: Lygia Maria Baeta Neves. RJ: Eldorado, 1974. P.83 a 88. Penso que as conseqüências dessa intenção de renovação são bastante perceptíveis no século XIX.

⁴ Carlistas foram aqueles que queriam que o infante D. Carlos assumisse o trono espanhol. O infante não pertencia a dinastia bourbonnica.

⁵ A *Unión Liberal* era uma junção da esquerda moderada e progressistas. BLEYE, Pedro Aguinaldo. **Manual de historia de Espanã**. Madrid: Espasa calpe, 1958. Tomo III.

⁶ BLEYE, Pedro Aguinaldo. **Manual de historia de Espanã**. Op. cit.

⁷ KIERNAN, V. G. **La revolucion de 1854 en Espanã**. Madrid: Aguilar S.A de Ediciones, 1970. P. 281 a 284.

⁸ ARTOLA, Miguel. **La burguesía revolucionária (1808-1874)**. Madrid: Alianza Editorial, 1983. 363 a 381.

⁹ CUADRADO, Miguel Martínez. **La burguesía conservadora (1874-1931)**. Madrid: Alianza Editorial, 1986. P. 7 a 25.

¹⁰ RIBA, Juan Mercader. **El siglo XIX: historia de la cultura española**. Barcelona: Editorial Seix Barral S.ª, 1957. p. 66.

¹¹ BLEYE, Pedro Aguinaldo. Op. cit.

¹² In: RIBA, Juan Mercader. **El siglo XIX: historia de la cultura española**. Barcelona: Editorial Seix Barral S.A., 1957.

¹³ CUADRADO, Miguel Martínez. Op. cit, p. 23 e 24.

¹⁴ HOBSBAWN, Eric. J. A era dos impérios. Tradução de Sieni Maria Campos e Yolanda Steidel de Toledo. RJ: Paz e Terra, 1988. P. 144.

¹⁵ CUADRADO, Miguel Martínez. Op. cit., p. 22.

¹⁶ CUADRADO, Miguel Martínez. Op. cit., pa. 66 a 68.

¹⁷ O *costumbrismo* foi um gênero artístico bastante utilizado na Espanha para retratar cenas do cotidiano e do comum. Teve grande expressão nas pinturas, na literatura e também no teatro, considerado a escola dos *costumbres*.

¹⁸ Considerada como uma forma popular de gravura, sua função era a comunicação, apresentada de forma "moralizante, exemplificadora ou emblemática, procedendo do mesmo profundo desejo de visualização que produziu a pintura das cavernas". FERREIRA, Orlando da Costa. **Imagem e Letra: Introdução à bibliologia brasileira: a imagem gravada**. SP: Editora da Universidade de São Paulo, 1994. p. 30 e 31.

¹⁹ Em **Imaginação Social**, Bronislaw Baczko mostra como o domínio do imaginário configura-se num lugar estratégico do poder. Entende que exercer um poder simbólico não consiste em acrescentar o ilusório, o irreal à algo real, mas sim, trabalhar com os atos e as imagens que cada um ou uma sociedade tem de si próprio. O imaginário está para o exercício do poder e assim é possível tomá-lo como artifício de manipulação. Por meio dele, inculcam-se novos valores e novos modelos. Mas tocá-lo só tem eficácia se este produz sentido entre os sujeitos de uma determinada sociedade. As experiências vividas, concretas, contribuem para a constituição e produção do mesmo. Para a psicanálise, a imaginação não é uma faculdade, mas uma atividade do sujeito para organizar o mundo à partir de seus conflitos e necessidades. Configura-se, dessa forma, em força reguladora da vida coletiva e peça eficaz do exercício do poder. O imaginário é entendido e comunicado através de um discurso e a utilização de uma linguagem que reúnem as representações de uma coletividade. Os imaginários oferecem um sistema de orientação aos agentes sociais em relação ao seu grupo, à sociedade global, às hierarquias, às relações de dominação, fundindo verdade e norma, informação e valor, que são operados pelo simbolismo. BACZKO, Bronislaw. **Imaginação Social**. In: **Enciclopédia Einaudi**, vol. 5, Antropos-homem. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1985.

²⁰ Com exceção no Brasil, pois os artistas eram financiados pela Monarquia.

²¹ CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas: o imaginário da república no Brasil**. SP: Cia das Letras, 1990.

²² PRADO, Maria Lígia Coelho. A participação das mulheres nas lutas pela independência política da América Latina. In: **América Latina no século XIX: tramas, telas e textos**. SP: Editora da Universidade de São Paulo, Bauru: Editora da Universidade do Sagrado Coração, 1999. P. 46 a 51.

²³ Sobre essa questão, ver Benedict Anderson que desenvolve, de forma original, a reflexão sobre identidade e comunidade imaginada.

²⁴ HALL, Stuart. **Identidades culturais na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. RJ: DP&A Editora, 1997.